Palavras e imagens que fazem sonhar: imprensa libertária e representações da revolução social (A plebe – 1919) *

Angela Maria Roberti Martins

ISERJ/Unigranrio

Nos últimos tempos o campo de investigação histórica vem se ampliando consideravelmente, sendo muitos e variados os olhares que se voltam para o passado. Pesquisas mais recentes têm procurado destacar novos objetos, novas formas de abordagens e, principalmente, novas fontes históricas. Pretende-se superar a herança deixada pela historiografia tradicional e, ao mesmo tempo, renovar temática e metodologicamente a investigação histórica, permitindo a análise de experiências passadas negligenciadas ou pouco valorizadas ou, ainda, a revisitação de alguns temas sob novas e desafiadoras perspectivas.

Nesse contexto de reformulações historiográficas e teórico-metodológicas que envolvem a História, verifica-se uma aproximação cada vez maior entre História e Imagem. Nesse movimento, as fontes iconográficas conquistam novo *status* e os historiadores, pouco a pouco, ultrapassam os limites do documento escrito, admitindo as imagens como fonte de investigação histórica, valorizando tanto os aspectos formais e o conteúdo da imagem quanto o contexto em que foi produzida. Percebem que a imagem manifesta experiências partilhadas, posições a partir das quais o real é percebido, revela modos de viver ou de pensar.[1] Reconhecem, a exemplo de Peter Burke, que "(...) imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica."[2]

Assim, a imagem conquista espaço na produção do conhecimento histórico. Torna-se, ela própria, *evidência histórica*, em um movimento que marca as sociedades contemporâneas, e no qual a presença da

cultura visual domina as relações sociais. Dotada, por isso mesmo, de potências múltiplas, a imagem permeia e impregna a vida cotidiana expressando modos de percepção do olhar, maneiras de ver, pensar e sentir, manifestando tradições e intenções, revelando experiências sociais, engendrando significados afetivos e culturais, entrelaçando a dinâmica social.[3]

Convergentes com essas tendências, alguns historiadores têm oferecido valiosas contribuições usando as imagens como fontes privilegiadas de consistentes e rigorosas análises históricas, ampliando a noção de texto, diversificando as fontes históricas, possibilitando, enfim, registros historiográficos inovadores.

O presente texto, convergindo com essas intenções, pretende refletir sobre a dimensão política da imprensa libertária, vista, a um só tempo, como espaço privilegiado de crítica social e de projeção de um ideal.[4] Para tanto, centra a reflexão nas representações da revolução social explicitadas nas palavras e nas imagens presentes n'*A Plebe*, em sua edição comemorativa de 01/05/1919.

Palavras e imagens

No Brasil, o processo de expansão das relações capitalistas, ao mesmo tempo em que permitiu a formação e a ascensão da burguesia, trouxe o aumento quantitativo do proletariado, definindo, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, nas primeiras décadas do Século XX, os contornos da chamada "questão social". Paulatinamente, o estabelecimento desse campo de forças sinalizou a necessidade de organização de formas de ação das classes trabalhadoras.[5] Tornou-se inevitável a aproximação entre esses grupos e o ideário anarquista, reforçado no país com a presença cada vez mais significativa de imigrantes, muitos dos quais ligados aos setores comercial e oficinal.[6]

Na bagagem, os imigrantes não trouxeram apenas força de trabalho e esperança, mas também idéias e ideais, que acabaram se espalhando no território brasileiro em virtude, principalmente, das condições de trabalho encontradas, que incluíam: longas jornadas, salários baixíssimos, riscos permanentes de acidentes, superexploração,

padrões de disciplina e de vigilância rígidos e sistemáticos, ausência de garantias e de formas de proteção.

As péssimas condições que caracterizavam o mundo do trabalho mantinham correspondência direta com o cotidiano do trabalhador fora do espaço da produção. Os níveis salariais baixos contrastavam com o aumento do custo de vida, em especial com a alta constante dos gêneros alimentícios e dos aluguéis. O precário poder de consumo refletia-se no deficiente padrão alimentar e na insalubridade da maior parte das moradias. As deficitárias condições de saúde e higiene, assim como o difícil acesso à educação e até mesmo ao lazer, selavam o drama da existência operária no período de sua constituição social e cultural.[7]

Limites bem definidos circunscreviam as possibilidades de sobrevivência das classes trabalhadoras, que, de alguma maneira, se inseriam no mercado de trabalho. Mas, para além dos empregos relativamente estáveis, achavam-se outras expressões de precarização das relações de trabalho: os subempregos, os biscates, o trabalho doméstico. Havia, ainda, os que se encontravam desempregados, recorrendo à mendicância e a outras estratégias de sobrevivência.

Esse contexto de dificuldades agitava as cidades carioca e paulista, embalava o movimento operário em geral e fermentava a militância anarquista em particular:[8]

Onde quer que a situação parecesse desesperada, os proprietários ou patrões particularmente duros e exploradores e as condições de trabalho intoleráveis, as idéias anarquistas encontraram certa simpatia e facilmente serviram de espora à ação.[9]

Por intermédio da "[...] organização de grupos, publicação de jornais, boletins, panfletos e livros, [...] conferências, comícios, agitações populares [e] ativa participação no movimento operário"[10], o anarquismo, nas suas diversas orientações, expandiu-se no país, tornando-se, nas duas primeiras décadas do Século XX, a corrente mais forte no interior do movimento operário. Muito cedo, portanto, passou a incomodar os poderes estabelecidos, atraindo, por conseguinte, a atenção policial.

Nas suas idéias e ações, o anarquismo não podia ser tomado como um corpo único e invariável, uma vez que se projetava, no tempo e no espaço, de maneira bastante diversificada. As várias correntes anarquistas surgidas ao longo do Século XIX apresentavam diferenças quanto a alguns preceitos teóricos e a determinadas estratégias de ação, mas tinham como ponto em comum a defesa incondicional da liberdade e a negação do princípio da autoridade.[11]

A constituição do mundo urbano e industrial no Rio de Janeiro e em São Paulo – eixo responsável pela maior parte da produção industrial do país na conjuntura da Primeira República e pólo de concentração da classe operária em formação – coincidiu com a fundação de diversos periódicos cujo objetivo precípuo era fomentar a circulação dos ideais libertários e noticiar o movimento anarquista no Brasil e no mundo. Os primeiros periódicos anarquistas apareceram no final do Século XIX, mas foi nas primeiras décadas do Século XX que a imprensa libertária firmou-se como o mais importante instrumento de propaganda do ideário, atingindo e mobilizando homens e mulheres que desejavam a libertação da humanidade de todas as formas de opressão e de exploração.[12]

Não obstante toda a dificuldade financeira enfrentada pelos ativistas libertários, os jornais funcionavam como instrumento básico de propaganda das idéias libertárias e de combate à chamada sociedade burguesa e ao sistema capitalista, em fase de expansão no circuito Rio-São Paulo. Muitos eram os ativistas que publicavam artigos conclamando os trabalhadores a aderir às idéias anarquistas com vistas a uma participação decisiva na transformação social.

Apesar das dificuldades de ordem prática para o êxito dos periódicos – como o custo do trabalho gráfico, o índice de analfabetismo nas camadas populares, o domínio precário da língua portuguesa entre os estrangeiros e a clandestinidade intermitente a que estavam submetidos os militantes que colaboravam com a imprensa –, as folhas circulavam no eixo Rio - São Paulo, fomentando discussões de ordem libertária. Essa imprensa "[...] assum[iu] os rituais

que caracterizavam a imprensa operária na época, tais como formato tablóide, subscrição voluntária, produção por pequenos grupos militantes, periodicidade irregular".[13]

Em meio às agitações do movimento grevista de 1917, o semanário *A Plebe* chegava às ruas para tornar-se "[...] a mais famosa de todas as publicações libertárias".[14] Editada por Edgard Leuenroth e lançada no dia 9 de junho de 1917, a folha teve publicação irregular durante os longos anos em que circulou, passando por diversas fases.[15]

Possuindo uma leitura do social marcada pela oposição entre capital e trabalho, entre exploradores e explorados, o grupo editor d'*A Plebe* defendia e difundia a chegada de novos tempos para todos os segmentos excluídos. Para muitos dos articulistas, a revolução social estava prestes a se realizar, constituindo-se no verdadeiro passaporte para um mundo outro, identificado pela igualdade, pela liberdade, pela abundância, pela ausência de sofrimento. Enfim, pela felicidade própria do Jardim do Éden perdido.

Liberdade, igualdade e solidariedade eram aspirações que embalavam o sonho libertário que se expandia no eixo Rio-São Paulo nas primeiras décadas republicanas, em especial na conjuntura que se estendeu de 1917/18 a 1920/21, considerada a fase mais ativa do movimento, com os anarquistas nas ruas lançando mão de diferentes práticas como instrumentos de luta social.[16]

A conjuntura revolucionária que se instaurou a partir do outubro russo de 1917 e que se tornou mais evidente com o armistício de 1918 – quando a opinião pública passou a se interessar tanto pelo desenrolar dos acontecimentos na Alemanha,[17] quanto pela natureza do regime soviético – possibilitou, para as mais variadas orientações da esquerda, a renovação das esperanças no futuro do socialismo.[18] Muitos acreditavam que a "luz que vinha do Oriente marcaria o início da transformação do regime social", conduzindo "os trabalhadores à vitória sobre a burguesia e à completa libertação".[19] Começava, então, uma época de efervescência político-ideológica aguda e explícita, que se manifestava tanto no plano concreto, através de discursos agressivos e ações violentas, quanto no plano simbólico, por intermédio de uma

verdadeira enxurrada de imagens, figuradas ou não, nas quais se projetava a revolução. Enquanto desejo ideado, a ser realizado a partir da contestação ao capitalismo e à ordem burguesa em expansão, a revolução simbolizava o desespero e a esperança não só daqueles que lutavam pela Anarquia, mas também de parcela significativa dos trabalhadores urbanos. Entre 1917 e 1920, o Brasil foi sacudido por uma forte onda de greves gerais, repercutidas do abalo sofrido pelo capitalismo com a Primeira Guerra Mundial e a Revolução Russa.[20]

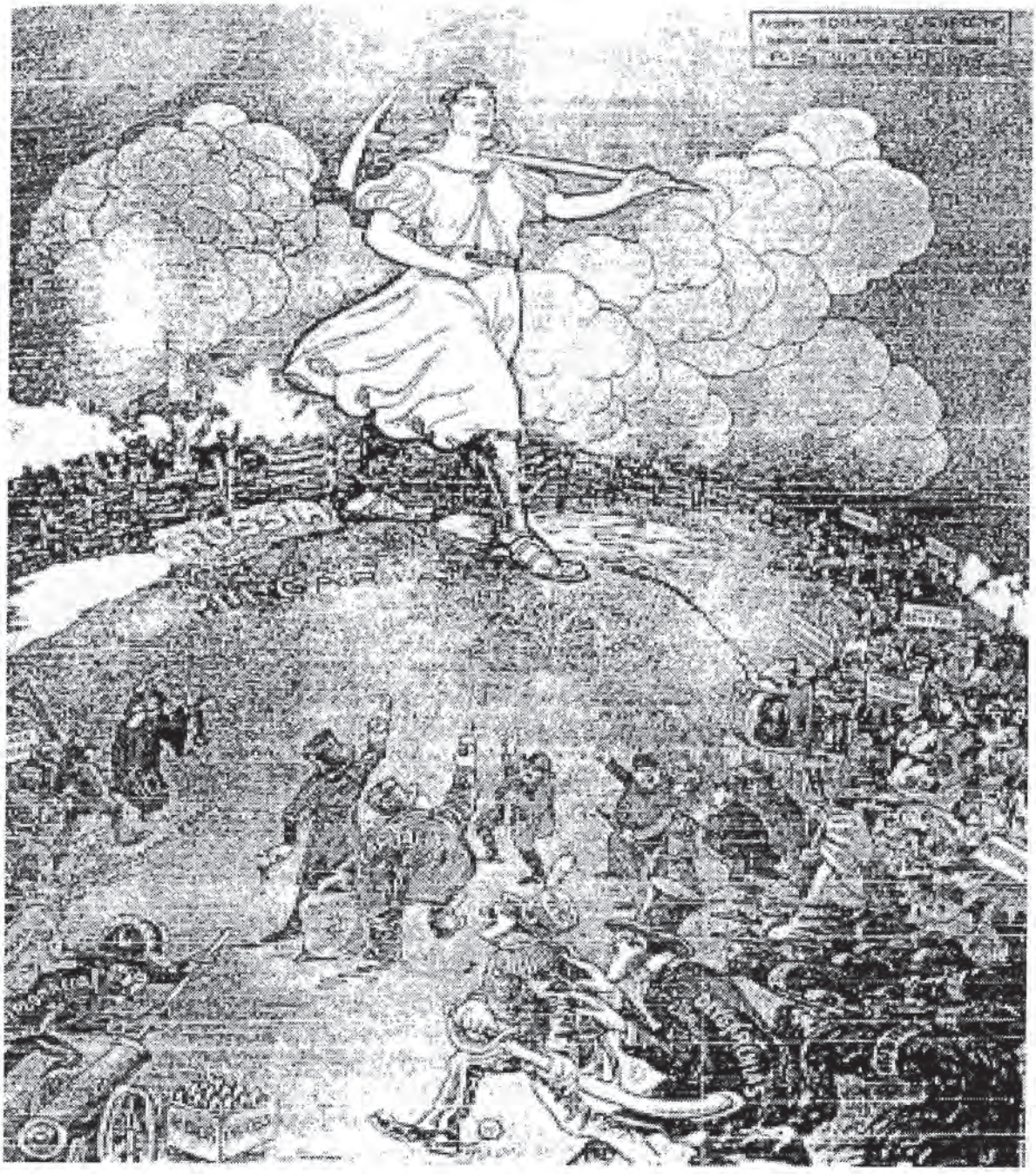
O tema da revolução social, a cena da destruição do mundo capitalista-burguês e a mensagem da vitória da Anarquia ganharam as páginas dos periódicos libertários de maneira mais permanente, expressiva e impactante no ano de 1919, como desdobramento das circunstâncias históricas do contexto internacional, entre as quais a "paz" de Versalhes e a guerra civil na Rússia. A linguagem visual adquiria, assim, maior valor e poder como instrumento de propaganda dos princípios libertários, em geral, e da revolução social, em particular.

Foi assim, por exemplo, que a edição d'*A Plebe* de 01 de maio de 1919 conjugou palavras e imagem que certamente faziam sonhar o leitor/observador que desejava o fim da exploração e da opressão do homem sobre o homem. Uma gravura representando a Revolução de Outubro de 1917 foi publicada ocupando a primeira página.

Os articulistas do periódico exprimiam sua visão da Revolução Russa por meio dessa gravura, que combinava realismo, alegoria e símbolo. Tratava de um tema histórico, ou seja, representava um acontecimento inscrito na história: a ação dos operários, dos soldados e dos camponeses que realizaram a revolução russa de outubro de 1917. No entanto, a gravura não representava o fato em si; revelava visualmente seu significado moral: a salvação pela revolução.

A mulher-revolução social, elemento principal da imagem e figura idealizada, carregava no ombro esquerdo, ao invés da espada simbólica ou do fuzil de ordenança, uma picareta, instrumento de trabalho utilizado para escavar a terra e quebrar pedras. Trajando um vestido simples de manga curta, na altura dos joelhos, com os cabelos presos sob uma

espécie de touca, no lugar do barrete frígio, e calçando uma sandália baixa de tiras, ela representava uma camponesa e, como tal, a síntese dos explorados e oprimidos anônimos que fizeram a revolução na Rússia.



A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos.
***A Plebe*, maio de 1919.**

A ambientação era precisa: a mulher-revolução caminhando a passos firmes e largos, ou melhor, "gigantescos e seguros", na direção da Europa ocidental, mais especificamente saindo da Rússia e ingressando na Hungria, em uma clara manifestação das expectativas

que se tinha na difusão da revolução a partir do "outubro vermelho". A cortina de fumaça ao fundo da imagem contribuía para a composição de uma atmosfera ameaçadora gerada pela força revolucionária. A hierarquia das imagens, isto é, o contraste entre a dimensão em que foi desenhada a mulher-revolução e o plano em que apareciam os "seus inimigos", revelava a crença no poder da via revolucionária como a alternativa segura para aniquilar o mundo burguês-capitalista, especialmente naquele contexto de equilíbrios perdidos após a Grande Guerra.

A imagem oferecia uma mulher-revolução com capacidade para se impor. O tronco, a cabeça, os braços e as pernas dessa figura, delineada em proporções gigantescas, se projetavam na direção do leitor/observador, exprimindo, concomitantemente, resolução e confiança, de modo a orientar o olhar no sentido de ver e acreditar. Apresentando postura ereta, olhar altivo e expressão facial serena, determinada e imperturbável, a mulher desenhada representava "a força concentrada do povo invencível".[22] Estimulando, portanto, a força, a mulher-revolução apresentava expressões que não correspondiam ao perfil de feminilidade da época, aproximando-se de uma caracterização masculinizada.

Embora a mulher-revolução fosse o ponto mais claro da imagem, aqueles que atraíam imediatamente o olhar do leitor/observador e estavam no primeiro plano da gravura eram os maiores inimigos do povo, segundo os libertários: os capitalistas, os clérigos e os militares, representando, respectivamente, o capital-Estado, a religião e o militarismo, forças físicas e simbólicas que oprimiam e exploravam os deserdados do sistema.[23]

Na posição central inferior da gravura aparecia a representação habitual do capitalista na *Belle Époque*: um homem gordo usando uma cartola. Na cena proposta, ele estava, com a mão direita, apontando uma arma para a mulher-revolução e, com a esquerda, segurando um saco repleto de dinheiro. Ainda que nas caricaturas socialistas dessa época os capitalistas fossem representados como homens gordos, portando cartolas e também charutos, isso não significava que esses

atributos correspondessem ao que se vivia na dinâmica social; mas, de qualquer forma, reforçavam e singularizavam um tipo particular de riqueza na sociedade burguesa, além de marcar diferenças entre os diversos grupos sociais.[24]

Na gravura em questão, observa-se dois grupos diferenciados. No canto esquerdo superior, um deles, sem identidade visível, mas presumível, celebrava, com os braços erguidos, o triunfo da vitória. O outro, assustado, na defensiva, preparava-se para enfrentar a revolução, que ameaçava destruir suas riquezas e seus privilégios. Alguns membros deste grupo traziam gravadas em suas vestimentas palavras que os distinguiam: capitalismo, oligarquias, jesuítas, diplomacia, gatuno. Outros seguravam tabuletas de instituições e valores a serem combatidos: ameaças inúteis, amigos da forca, telegramas falsos, cáftens, moços bonitos, imprensa reacionária, sociedade das carolas, mentiras.

Associando palavras e imagens, a gravura reforçava sua mensagem política direta e explícita com a seguinte legenda: "A Revolução Social em marcha contra os seus inimigos". Tal argumento fazia parte do contexto dramático estabelecido naquela época e podia ser melhor observado quando se percebia a relação entre imagem, texto e contexto nesta edição d'*A Plebe* do dia primeiro de maio de 1919.

O artigo do "Comitê" *Promotor da Comemoração* intitulado *Primeiro de Maio: Pela Paz e Pela Justiça*, publicado na página quatro d'*A Plebe* e dirigido *aos trabalhadores em geral*, trazia informações preciosas sobre os acontecimentos na Europa e estimulava a "greve geral por 24 horas [...] como demonstração de força da classe operária que se prepara[va] para tomar a direção das sociedades humanas". O "Comitê" escreveu:

> [...] Felizmente, ao lado dos comunistas da Rússia e da Hungria e da convulsionada Baviera sopra um vento forte de transformação social que ninguém poderá deter e que já envolve o mundo proletário e popular numa atmosfera de quente entusiasmo, de vibrante expectativa, de arrebatadora esperança. É certo que os governantes de todos os países se preparam para intervir nos negócios internos da Rússia e da

> Hungria para esmagarem a Revolução nesses países iniciada e que ameaça estender-se universalmente. Contra essa pretensão é que devemos protestar veementemente, energicamente, potentemente [...].[25]

O discurso pró-revolucionário do Comitê recorria ao sentido figurado, apropriando-se de metáforas relacionadas às forças implacáveis da natureza, como, por exemplo, o "vento forte", não só para conferir mais qualidade ao texto, mas, sobretudo, para conseguir um poder maior de persuasão. Além disso, os recursos retóricos possibilitavam atingir as emoções do leitor/observador, facilitavam o acesso ao seu imaginário e conferiam ao texto maior ênfase na argumentação e no convencimento. Em parte, o simbolismo do "vento forte" remetia ao próprio anseio de liberdade e à possibilidade de concretização da mudança a partir da Revolução de Outubro.

Os horizontes abertos, segundo o Comitê, pelo "mundo proletário e popular" deveriam ser saudados e seguidos pelos companheiros no Brasil, já que aqui "exist[ia]m os mesmos motivos de queixas para os trabalhadores em geral, pois que em toda a parte somos vexados, explorados, vilipendiados pelo parasitismo burguês e capitalístico". Portanto, era necessário acreditar que:

> [...] Não vem longe o dia da grande derrocada burguesa. E, se a quereis apressar, fortificai-vos em vossas organizações operárias e grupos sociais, estudai, lutai, melhorai-vos, dignificai-vos, tomai consciência de vossa força, da justiça que vos assiste e da necessidade da transformação social que se aproxima.[26]

Como se tratava de uma edição comemorativa do dia primeiro de maio, "velha data proletária", o periódico lançou mão de um outro artigo com o mesmo conteúdo e objetivo. Publicado à esquerda do artigo do Comitê, o texto intitulado *Ao Crescer da Maré* e assinado por Ricardino de Salvaterra, provavelmente um pseudônimo, também utilizava metáforas na sua linguagem verbal pró-revolucionária, mostrando, inclusive, uma ligação mais próxima com a gravura da mulher-revolução:

> [...] Caminhamos a passos gigantescos para a realização cativante do que ainda, há uma vigésima parte de um século, se mostrava uma utopia de alguns audazes sonhadores. Arde a Revolução, intensa e crepitante Rússia em fora. [...] Já os seus ecos se fizeram ouvir por quase toda essa sedutora América e um frêmito ansioso já despontou nos seios dos "escravos brancos". Pressente-se o gigantesco e seguro caminhar da Revolução. É por isso que pretendem deter-lhe a marcha fulminante [...]. Tudo o que façam, tudo o que engendram, tudo que mintam, não passará de irrisórios diques de papelão a deter inutilmente a onda caudalosa que cresce, que se anima dia a dia, hora a hora, de vigor potente, para [ilegível] em breve, em dia que não vem longe e cuja aurora já clareia [...].[27]

O uso de metáforas relacionadas aos elementos da natureza, como "arde a revolução intensa e crepitante" ou "a onda caudalosa", era um recurso retórico que ativava o imaginário, facilitando a formação de imagens visuais, mentais e verbais que incorporavam símbolos e atuavam no campo das representações, e tornando, por conseguinte, mais eficiente a comunicação com o leitor/observador.

A imagem do fogo era um forte apelo, uma vez que se associava a várias idéias simbólicas presentes em narrativas bíblicas, em cultos diversos e até mesmo em costumes. Considerava-se que o fogo possuía poderes criadores e destruidores da vida, já que a queima simbolizava a eliminação de todas as impurezas e a chama em movimento representava a vida, ou melhor, a luz da vida. Nesse sentido, a vida que se renovava das chamas podia ser associada ao fim do capitalismo opressor pela violência inerente à Revolução Social.

Já a metáfora da "onda caudalosa", no plano das representações, "foi a mais expressiva, permanente e de maior impacto", traduzindo, como nenhuma outra, "a idéia de um processo revolucionário em marcha a se levantar sobre o ocidente".[28] A representação da "onda caudalosa" também possuía forte apelo quando a água era equiparada ao caos, em uma revisitação da ruína trazida com a passagem bíblica do Dilúvio punidor. No entanto, o Dilúvio não trouxe apenas o caos, pois também conduziu a arca de Noé a uma nova vida. Assim, a água

podia representar a origem de todas as coisas, e, neste caso, o começo da sociedade libertária.[29]

Para os libertários, o uso dessas metáforas ligadas às forças sinistras e poderosas da água e do fogo, embora aparentemente contraditórias no texto em questão, remetia tanto à ação purificadora desses elementos, a qual é uma condição para o renascimento, quanto à sua força criadora e vivificante. Era nesse sentido que a revolução encerrava, como afirmara Bakunin, não só a destruição do Estado, do capitalismo, da exploração e da opressão, mas, principalmente, a criação de um novo homem e de um novo tempo.

Ao questionar a ordem estabelecida e evidenciar a possibilidade da revolução e, logo, da conquista da Anarquia, as idéias-imagens expressavam um pensamento, uma visão do mundo, provocando no leitor/observador um misto de inquietação e esperança. Mas, é possível que os articulistas dos periódicos esperassem que esse clima inquietante das imagens provocasse, além de determinada sensação ou emoção, reflexão, ajudando no processo de conscientização acerca das razões da exploração e da opressão próprias do sistema capitalista e da ordem burguesa, e convocando os homens à causa libertária.

As imagens indicavam, explícita ou implicitamente, a contraposição entre Capitalismo e Anarquia, numa visão maniqueísta em que o capital se tornava o símbolo do "Mal" ou do "Inferno", e a sociedade libertária personificava o "Bem" ou o "Paraíso", adquirindo até mesmo o sentido bíblico de recuperação do Éden – lugar da felicidade.

Embalados pelos ecos da Revolução de Outubro, que à época ainda animavam os libertários em geral, os articulistas desta edição d'*A Plebe* conjugaram palavras e imagens em uma intenção clara de mobilizar todas as energias do leitor/observador no sentido de encorajar a luta revolucionária, pois a retórica empregada atingia as emoções e estimulava atitudes em direção a uma vitória dada como certa. Palavras e imagens ofereciam, em seu conjunto, um ideal da "realidade" pela qual os libertários lutavam, colocando a esperança de uma vida sem exploração no futuro próximo, onde haveria de

emergir um mundo novo, a Anarquia, lugar aprazível, de fartura, de felicidade e de ausência de exploração do homem sobre o homem, a partir da revolução, considerada a única alternativa de transformação.

A integração entre palavras e imagens mostra-se, dessa forma, eficiente no registro da expectativa, da esperança, do sonho enfim. E como é legítimo sonhar, os libertários redimensionaram pela ideologia a pulsão desejante, procurando sensibilizar o leitor/observador para ação revolucionária capaz de libertá-lo da sua infelicidade e, ao mesmo tempo, de abrir uma perspectiva positiva em relação ao futuro: a Anarquia, verdadeiro Paraíso na Terra.

Notas e Referências:

1 Roger Chartier. "Imagens". In: André Burguière (org.). *Dicionário das ciências históricas.* Rio de Janeiro: Imago, 1993. pp. 405-408.

2 Peter Burke. *Testemunha ocular:* história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004. p. 17.

3 Yara Aun Khoury. Apresentação. *História e Imagem.* Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, nº 21, Novembro de 2000. pp. 7-10.

4 Por dimensão política entende-se a crítica contundente ao presente, a contestação da realidade existente, a intenção de destruir a sociedade vigente, bem como a colocação de um ideal, a exposição de uma visão de mundo, a construção mental de um mundo alternativo, enfim, a enunciação de uma sociedade outra fundada em um arranjo em que o homem tem autonomia para intervir no seu cotidiano. O anarquismo, pois, é uma proposta, antes de tudo, revolucionária.

5 Nelson Werneck Sodré. *A história da imprensa no Brasil.* Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p.310.

6 A oposição fundamental que existe entre a burguesia e o proletariado ainda não se explicitava de maneira formal, no Brasil, no início do Século XX, havendo, isto sim, uma grande projeção econômico-política dos proprietários rurais no poder da República. Burguesia e proletariado estavam no seu "vir a ser", num processo de formação, resultante dos próprios conflitos vivenciados.

7 Sobre as condições de vida e de trabalho da classe operária no seu fazer, ver, entre outros: Michael Hall; Paulo Sérgio Pinheiro. *A classe operária no Brasil – condições de vida*

e de trabalho, relações com os empresários e o Estado. São Paulo: Brasiliense/FUNCAMP, 1981. Boris Fausto. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920).* São Paulo: DIFEL, 1986. Maria Auxiliadora G. de Decca. *A vida fora das fábricas – cotidiano operário em São Paulo – 1920-1934.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

8 De acordo com os estudiosos do anarquismo, Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) foi o pioneiro no uso do termo anarquia como ausência de governo e o primeiro a declarar-se anarquista, o que lhe valeu a denominação honorífica de "pai do anarquismo". Já o anarquismo como movimento teve início marcado pela aparição, no cenário político europeu, do russo Mikhail A. Bakunin, (1814-1876) considerado, para muitos estudiosos, o mais brilhante dentre os anarquistas, por ter legado aos companheiros ulteriores uma vigorosa experiência de prática libertária.

9 James Joll. *Anarquistas e anarquismo.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977. p.160.

10 Edgard Leurenroth. *Anarquismo: roteiro da libertação social.* Rio de Janeiro: Mundo Livre, s/d. p.105.

11 Sobre as variações do anarquismo, consultar, entre outros: JOLL, James. *Anarquistas e anarquismo.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1977. Flávio Luizeto. *As utopias anarquistas.* São Paulo: Brasiliense, 1987. Georges Woodcock. *Anarquismo: uma história das idéias e movimentos libertários.* Porto Alegre: L&PM, 1983.

12 Os primeiros periódicos de tom libertário que se destacaram foram *O despertar*, de 1893, e *O Protesto,* de 1899. Cf. Maria de Nazareth Ferreira. *Imprensa libertária no Brasil.* São Paulo: Ática, 1988. p.63-85.

13 Heloisa Faria Cruz. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915.* São Paulo: EDUC-FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial São Paulo, 2000. p.126.

14 Luzia Margareth Rago. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p.16.

15 Na primeira fase, que correspondeu ao período de 9 de junho de 1917, quando foi fundada, a 30 de outubro de 1917, quando foi empastelada, o grupo editor conseguiu publicar 19 exemplares semanalmente. Em 1918 *A Plebe* não circulou, voltando a ser publicada em fevereiro de 1919, ano em que chegou a ter breve publicação diária e voltou a sofrer perseguição policial e empastelamento. Entre 1920 e 1924, *A Plebe* teve circulação bastante irregular, sofreu diversas investidas policiais, além de apreensão de exemplares, destruição de equipamentos e escassez de recursos financeiros. Entre 1924 e 1927, no contexto repressivo do governo Artur Bernardes, teve sua redação fechada. De volta à circulação em fevereiro de 1927, *A Plebe* sobreviveria, ainda, até 1935, sempre enfrentando um conjunto de dificuldades, tais como pobreza de recursos, baixas tiragens, publicações irregulares, prisões dos editores e

empastelamentos. Parece que *A Plebe* não circulou entre 1928 e 1932, ano em que voltou a ser publicada, até 1935. A folha teria ainda uma nova fase após o Estado Novo, reiniciando sua publicação em 1947 e, apesar da inconstância da tiragem, circulou até 1951. Sobre *A Plebe*, consultar: Ody Furtado Gonçalves. *A constituição do homem novo anarquista no ideário dos intelectuais do jornal "A Plebe"*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2002. Ver também: Daisy de Camargo. *A encenação de um pesadelo nas imagens do periódico anarquista A Plebe (1917-1951)*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

16 Lená M. de Menezes. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na Capital Federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996. pp. 93-102.

17 A derrota alemã na Primeira Guerra Mundial e a conseqüente queda do Império deixaram o país à beira do caos e da guerra civil. Logo, o governo social-democrata recém-instalado teve de enfrentar, em dezembro de 1918, um levante armado contra a República, liderado por socialistas bolchevistas, chamados *espartaquistas*, como Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo.

18 Marc Ferro. *A revolução russa de 1917*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p.130.

19 Para as citações, ver: *Avanti* (zimmerwaldiano), de 6 de abril de 1917, e Programa Anarquista (opúsculo de fim de março de 1917), citados por Marc Ferro. Op. cit., 1988. p.131 e 110-113, respectivamente.

20 Vamireh Chacon. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p.190.

21 *A Plebe*. São Paulo, 01 de maio de 1919. p.1.

22 Eric J. Hobsbawm. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.126.

23 Lily Litvak. *Musa libertaria: arte, literatura y vida cultural del anarquismo español (1880-1913)*. Barcelona: Antoni Bosch editor, 1981. p.64.

24 Eric J. Hobsbawm. Op. cit., 2000. p.124.

25 *A Plebe*. São Paulo, 1 maio 1919. p.4.

26 Ibidem. p.4.

27 *A Plebe*. São Paulo, 1 maio 1919. p.4.

28 Lená Medeiros de Menezes. *Tramas do mal. A Revolução de Outubro no plano das representações*. Tese de titular. Rio de Janeiro, UERJ, 2000. Mimeo.

29 A água é equiparada ao caos e à matéria primeva por não possuir forma; em Thales de Mileto ela é a origem de todas as coisas.

(*) O artigo da Profª Angela Maria Roberti Martins foi extraído de sua tese intitulada *Pelas páginas libertárias: anarquismo, imagens e representações*, defendida junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, em junho de 2006.